



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP  
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

**Versão do arquivo anexado / Version of attached file:**

Versão do Editor / Published Version

**Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:**

<https://publicacoes.iel.unicamp.br/as-partes-que-faltam/>

**DOI: 0**

**Direitos autorais / Publisher's copyright statement:**

©2019 by UNICAMP/IEL/Setor de Publicações : TL 224. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

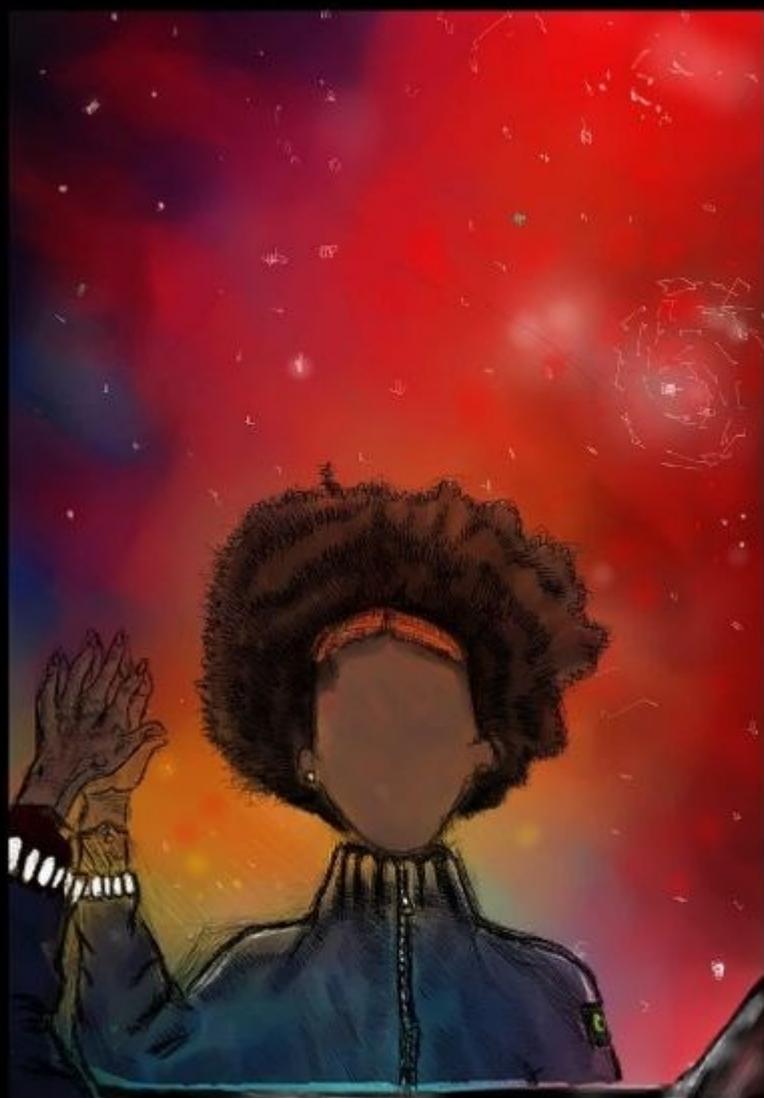
Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

# PROTOCOLLO EGEU

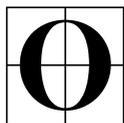
*Claus Corbett*

---





## Parte 1



O liver Jackson apreciava o reflexo do sol nas águas relativamente calmas do oceano Índico, sua vara de pesca esquecida em suas mãos. Hoje em dia, se ele quisesse ter algum sossego, precisava levar seu pequeno barco até alto mar, quase nas margens das linhas imaginárias que separavam as águas seguras das perigosas em seu GPS.

Já fazia quase um ano que essas linhas tinham sido traçadas e elas se deslocavam cada vez mais em direção à terra firme. Tudo havia começado com alguns incidentes isolados em lugares muito distantes de seu lar: notícias chegavam a eles de desastres naturais inesperados, de revoltas, de pessoas ensandecidas... foi nesse momento que outra linha imaginária havia sido cruzada e começaram os “desastres sobrenaturais”. Ou talvez essa linha já tivesse sido cruzada há muito tempo.

Ele tinha ouvido falar de uma cidade que tinha virado uma zona de escuridão: quanto mais se aproximasse dela, fosse por terra ou por ar, mais

escuro ficaria, como se anoitecesse; era possível, aliás, ver as estrelas todas no céu nessa noite eterna. Também tinha ouvido falar de criaturas, que antes só podiam ser descritas como mitos, andando, voando e nadando livremente, atacando pessoas e animais.

Em diversas cidades do mundo, os habitantes todos perderam a sanidade da noite para o dia. Em outras, o processo foi mais lento e os poucos sobreviventes contavam com olhos arregalados como seus vizinhos, amigos e parentes tinham tentado matá-los ou como eles tinham matado uns aos outros.

Por todo o mundo, monstros – humanos ou não – apareciam e ninguém sabia explicar como ou por quê. Os Cataclismas, como passaram a ser chamados, não obedeciam a regras ou mesmo a qualquer padrão. Algumas pessoas culpavam Deus ou o Diabo. Oliver procurava não pensar no assunto. Afinal, de que adiantava culpar alguém?

O que ele sabia era que a Austrália estava bem. Muitos refugiados vinham para seu país em busca de asilo, já que, por algum motivo, nada de estranho tinha acontecido lá. Talvez fosse uma forma de o planeta se desculpar pelos dingos, as raposas voadoras, as aranhas, os crocodilos, as águas-vivas gigantes (e as

minúsculas também), as cobras... O marinheiro tinha calafrios só de pensar em uma versão mais mortal ou sanguinária de qualquer uma dessas espécies. A Austrália já era um país perigoso por natureza.

Talvez fosse bom, então, que ele partisse logo para um lugar muito distante.

Mesmo que o mundo estivesse completamente de pernas para o ar, ainda era uma segunda-feira e, apesar de odiar segundas-feiras, seu treinamento militar o deixava extremamente desconfortável com ficar sem fazer nada. Oliver soltou a vara de pescar e retirou a carta que recebera do bolso da camisa. O envelope tinha o selo das Nações Unidas e o tom do conteúdo era mais do que oficial. Em meio ao legalês, estava o nome *Egeu 9*. Essa seria a embarcação que o teria como capitão. Uma nave espacial gigantesca carregando colonos para algum planeta desconhecido.

A carta explicava como os Estados Unidos tinham planos de construir essas naves como parte de um projeto há muito abandonado por sua força aérea, o Projeto Livro Azul. O Protocolo *Egeu*, parte de um adendo esquecido desse projeto, tinha como objetivo a colonização de planetas capazes de sustentar vida humana para que, eventualmente, a humanidade

pudesse retomar a Terra no caso de uma invasão alienígena. Não era bem o que tinha acontecido, mas o plano se encaixava de qualquer maneira.

Um relatório de reunião extraordinária acompanhara sua carta, que tinha apenas algumas lacunas para preenchimento posterior, algo como “Parabéns! Você foi escolhido para servir a bordo da nave *Egeu* nove na função de capitão.” Seu tempo na marinha australiana, segundo a carta, o capacitava para a posição, já que a humanidade estava muito longe de ter capitães especializados em viagens espaciais. Ele precisaria mobilizar todas as habilidades desenvolvidas em seus mais de vinte anos de carreira militar, em especial as que adquirira comandando uma fragata nos últimos três anos, desde que essa loucura toda começara.

Oliver repassou o que lembrava do relatório em sua mente. Nove navas tinham sido construídas usando recursos de todos os países membros da ONU. Sua tripulação era pequena e tinha como objetivo levar tantos colonos quanto pudessem para planetas que a NASA tinha identificado como possíveis lares para a humanidade. Apesar de haver algumas estações espaciais que abrigassem um grande número de

pessoas, a superpopulação mundial já tinha chegado a níveis críticos quando tais eventos cataclísmicos inexplicáveis aconteceram e a situação só piorava, pois eles tornaram grandes áreas do globo inabitáveis. A solução encontrada tinha sido ativar o Protocolo *Egeu*.

Oliver sabia que sua viagem de transporte seria apenas de ida, mas a vida na Terra era tão incerta quanto a vida no espaço naquele momento. Ele decidiu que podia continuar dando seu adeus ao mar no dia seguinte, uma vez que só começaria seu treinamento espacial na outra semana e já tinha sido dispensado de suas obrigações no navio Canberra.

Guardando novamente a carta, Oliver caminhou para a cabine de seu barco e começou a procurar o pequeno fichário com o relatório da reunião e as fichas com informações sobre os demais capitães e sobre sua tripulação. Originalmente, sua intenção era ler mais sobre a nave, sobre os planos, sobre sua missão, mas não conseguia se concentrar em nenhum detalhe técnico. Quanto mais ele lia, mais tudo se tornava real e menos ele podia se esconder em seu refúgio marítimo.

Se ele se concentrasse nas pessoas com quem dividiria essa viagem, talvez conseguisse esquecer um

pouco seus medos. Voltando ao começo da seção sobre sua tripulação, Oliver se pôs a ler, apesar do frio em sua barriga.

O primeiro nome que encontrou foi o de Artem Kuznetsov, oficial de medicina. Russo naturalizado nos Estados Unidos, trinta e um anos de idade. Antes de ser recrutado para a *Egeu*, Artem havia trabalhado em diversas zonas afetadas pelos Cataclismas. Seu último voluntariado o levava à zona de onde a maior parte dos colonos de sua nave tinha sido recrutada. Oliver continuou virando as folhas. Isso o acalmava.

Idowu Bimadele, oficial de comunicação; linguista e diplomata. Émile DeRosiers, imediata; piloto da força aérea francesa. Fergus Kearney, oficial de segurança; dono de uma companhia de segurança irlandesa; já tinha sido parte de uma equipe paramilitar internacional.

Helena Campos, oficial de colonização. Uma dentre os poucos sobreviventes da primeira cidade brasileira a ser afetada – uma das primeiras cidades do mundo a ser afetada, em verdade. Ela seria responsável por todo contato com os colonos e assumiria uma posição temporária no comando da nova sociedade que formariam em Ya 647h, o planeta para o qual seguiam. Havia uma pequena anotação indicando que ela tinha

feito pressão para que uma outra pessoa fosse aceita na nave, mas não quem. Ele seguiu lendo os perfis.

Makoto Shimizu, oficial de meio ambiente e sustentabilidade; formado nas melhores universidades japonesas, com um currículo impressionante. Nasrin Bandyophadyay, oficial de tecnologia; mais uma vez, uma ficha acadêmica impressionante. Finalmente, a última ficha: Safiya Higazy, oficial de engenharia; herdeira de uma grande fortuna na Terra, uma ótima formação, tinha se voluntariado para o posto. Oliver se perguntou do que ela estaria fugindo enquanto um suspiro escapava por seus lábios.

Lá estava ele, aos quarenta e três anos, prestes a embarcar em uma viagem sem volta com pessoas totalmente desconhecidas.

Todos de sua tripulação pareciam jovens demais para suas funções, pelo menos aos seus olhos. Inclusive ele. No entanto, ele sabia que as chances de sobrevivência a viagens espaciais diminuía drasticamente a partir dos cinquenta anos e que a expectativa era de que eles pudessem assumir postos públicos quando chegassem ao seu novo lar. Seu contrato dizia, aliás, que eles deveriam servir a colônia por mais 30 anos antes de poderem se aposentar.

O sol se punha no mar ao longe. Oliver se perguntou se em alguns meses ele estaria em algum outro planeta vendo algum outro sol se pôr ao longe, atrás das ondas de algum outro mar. Quanto tempo a população de peixes de sua nave levaria para se reproduzir e se adaptar para que ele pudesse pescar de novo?

## Parte 2



elena Campos se dirigia a um dos transportes que levava a tripulação e os colonos para as grandes naves *Egeu* ancoradas na órbita terrestre. “Ancoradas em órbita” – será que isso estava certo? Ela não sabia dizer. Ela estava em um grande hangar, quase como um aeroporto, caminhando em direção a algo que parecia muito com um avião futurista.

Cada transporte comportava apenas trinta pessoas por vez e subia uma altura inimaginável antes de apontar para o céu e acionar os propulsores que permitiram que quebrassem a barreira da gravidade da Terra. Depois de deixar sua carga, o transporte descia e pousava em uma das pistas vazias, preparando-se para uma nova viagem.

Helena seguia por um caminho aberto, com dois soldados a escoltá-la. Sua nova função lhe garantia algum status, ela sabia, mas... Olhando as filas gigantes que iam até a entrada, ela se sentia um pouco culpada pelo tratamento especial que recebia. Os homens ao seu lado pareciam não perceber as pessoas abarrotadas em corredores estreitos delimitados por cordas. Parecia uma maneira ruim de começar sua nova vida.

— Lena! Lena!

A historiadora olhou ao redor, procurando quem a chamava. O barulho das aeronaves – espaçonaves? – partindo abafavam o som, mas ela reconheceria aquela voz em qualquer lugar.

— LEEEEEEENAAAAAAAAAAAA!

Na terceira fila da direita. Ela desviou seu caminho e os soldados a seguiram. Loki gesticulava com os braços esticados, equilibrando-se na ponta dos pés, tentando aparecer apesar de sua baixa estatura, mas foram os cabelos vermelhos que ajudaram Helena. Ela acompanhou a fila com os olhos, vendo que Loki seguia para a mesma nave que ela e estava quase no começo da fila. Ela achava que isso não contava como furar fila, ainda mais sendo que ela nem precisava estar nela.

— Loki! Que bom te ver aqui! Tem lugar pra mim aí com você?

Os soldados com ela trocaram olhares receosos.

— Senhora Campos, – um deles disse – nossas ordens são para acompanhá-la até a nave.

Helena riu.

— Bom, tem bastante lugar ao lado da fila para vocês.

Um deles riu, desviando o olhar. O outro parecia muito irritado, mas não falou nada, só se posicionou

ao lado dela e de Loki, que olhava para a cena toda com estranhamento.

Depois de um abraço longo e apertado e de palavras carinhosas sussurradas, Helena finalmente afastou-se, segurando os ombros de Loki e olhando em seus olhos. Helena não era muito alta, mas mesmo assim precisava olhar para baixo para encarar Loki. Na verdade, apesar de terem praticamente a mesma idade, ela não poderia ser mais diferente de Loki.

Helena era negra, tinha cabelos longos e cacheados, uma pele lisa e macia. Já a pele de Loki era muito pálida e cheia de pequenas sardas e seus cabelos ruivos eram curtos e muito lisos – quando não estavam cheios de algum produto para ter uma aparência espetada. Helena era gorda, com seios grandes e quadril largo e se vestia de modo a destacar sua forma; Loki tinha o corpo magricelo e sempre se escondia dentro de roupas largas. O rosto de Helena era suave, seu nariz largo e os olhos negros brilhavam sempre que ela falava; Loki tinha um rosto anguloso e magro, pequeno, seu nariz era pontudo e seus olhos de um azul-violeta claro quase sempre evitavam o contato com outros.

— Desculpa ter passado tanto tempo longe. Eu tive de passar por todo um treinamento especializado, foram infinitas reuniões, cursos, seminários...

— Esquece isso, Lena. Pensa um pouco, – Loki disse, virando para olhar para o alto – logo a gente vai estar lá... fora. Tchau Terra, olá liberdade.

Olhando em volta, Helena tinha de concordar, em parte pelo menos. Havia tantas pessoas diferentes – e jovens – naquelas filas que certamente as coisas seriam diferentes lá em cima. Elas tinham que ser. Ainda assim, ela sentia um frio na barriga.

— Fora que, bom... você vai estar comigo, então tchau solidão também! – Loki disse com um sorriso largo e honesto.

Helena riu.

— Você não sabe da missa a metade, Loki.

Apesar do olhar cheio de curiosidade, Loki não disse nada. A fila andava mais rápido do que Helena esperava. Mal um dos transportes decolava, outro já tomava seu lugar. Logo elas estavam sentadas lado a lado, com cintos de segurança cruzados dos dois ombros para os dois lados da cintura.

A imensidão azul do céu logo deu espaço a uma imensidão muito maior – se é que isso faz algum

sentido – e muito mais escura, com apenas alguns pontinhos brancos à distância. Bem que algum planeta mais próximo podia estar ali para ela ver pela janela. Ou até mesmo o sol. Qualquer coisa familiar.

O frio em sua barriga só aumentava conforme se aproximavam da grande nave. Ela se sentia nauseada e respirar era difícil, o ar estava tão pesado. Loki parecia se preocupar com algo também, mas ela não sabia com o quê.

— Você tá bem, Lena?

Ok, ela devia ter imaginado.

— Uhum. Acho que sim. Eu só tenho um nozinho no estômago. Nada de mais.

— Sempre que você tem só um nozinho no estômago, a gente acaba quase morrendo. E eu não gosto muito de quase morrer.

Lena riu.

— Eu sei, Loki. Não é nada de mais. Eu só tenho medo de lugares fechados, sei lá.

Ela decidiu não mencionar o pânico que só aumentava ao ver a nave marcada com a letra grega Teta. Realmente, seu valor numérico era nove e eles estavam na nona *Egeu*, mas essa mesma letra era usada na Grécia antiga para marcar aqueles que eram

condenados à morte. Por mais irracional que fosse, nada podia desfazer essa conexão em sua mente.

De longe, ela podia ver os grandes painéis transparentes que davam visão para o mar de estrelas. A *Egeu* parecia uma grande arca com uma parte inferior quase reta, pelo menos quando vista de longe. Segundo o *briefing* que recebera, a parte superior teria diversos deques de observação e as partes inferiores e centrais contariam com os mecanismos essenciais da nave em blocos unitários que pareciam pequenos prédios interligados e com áreas “externas” sob um falso céu azul que era projetado pelos painéis que fechavam uma espécie de terrário.

Tudo era planejado para imitar a sensação de se estar a céu aberto. Nesse espaço, havia zoológicos com todos os animais que a tripulação levava consigo, assim como enormes tanques imitando um pequeno mar e alguns pequenos lagos. Plantas cresceriam em todos os lugares possíveis, desde o próprio solo artificial até em pequenos vasos em todas as estruturas. O sistema de purificação de ar da *Egeu* era baseado nessas plantas, que também ajudavam a combater a depressão nos colonos.

Todos os tripulantes e passageiros da nave dividiam acomodações que imitavam prédios e alguns

prédios comunitários tinham diferentes refeitórios e áreas de lazer. Os colonos não seguiam apenas como passageiros, também. A maior parte deles tinha empregos similares aos que tinham na Terra, em especial na manutenção dessas áreas comuns. E, assim como na Terra, a *Egeu* contaria com uma economia própria que girava em torno dessas funções e do comércio entre os colonos. Tudo isso tinha como objetivo já preparar a tripulação para sua chegada ao planeta que o manual chamava apenas de Ya 647h.

Pensar nessas coisas ajudavam Helena a se acalmar. Ela se lembrava da sua fuga desenfreada junto a Loki e alguns poucos sobreviventes de sua cidade natal; a sensação era a mesma: enquanto ela se concentrasse nas coisas que tinha para fazer, na forma como o grupo se organizava e no próximo passo, tudo ficava bem. Ainda assim, quando o transporte atracou na *Egeu* com um solavanco, Lena soltou um pequeno gemido de desconforto.

Juliano esperava ao lado do transporte. Já era a décima quinta vez que as portas se abririam. Quando ficara sabendo que Lena também estaria naquela nave

e que chegaria naquele dia, ele se ofereceu para recebê-la. Eles haviam escapado por pouco do caos que Campinas se tornara durante o Cataclisma, mas assim que estavam livres, o exército o chamou de volta e o enviou para outras zonas de perigo. Ele quase podia dizer que tinha se tornado um especialista em Cataclismas, mas se sentia mais como uma vida dispensável para os altos escalões.

Ele conseguia apenas trocar alguns e-mails ou mensagens de texto com os demais sobreviventes do seu grupo inicial, mas como ele desejava poder ter ficado! O pouco tempo que tinha livre para passar perto de todo mundo era tão pouco e... bom... e tinha também...

— Olha só quem tá aqui.

A voz de Helena o acordou de seu devaneio. Ele nem ouvira as portas do transporte abrirem.

— Nãããããããão... JU!

Ele ofereceu um pequeno sorriso para Loki e Helena, depois seus olhos passaram pelos dois homens de sua escolta e ele voltou a ficar sério. Loki quase deu um passo em direção a Juliano, como se quisesse abraçá-lo, mas parou ao ver sua expressão.

— Lena. Loki. Que bom ver vocês.

— Que bom te ver aqui, Juliano.

Loki espremia os olhos, como se desconfiasse de alguma coisa.

— Hmmmmmmmmm... e você nem pensou em contar pra gente que ia pro espaço, Ju? Que você não ia voltar dessa vez? Que a gente nunca mais ia se ver? Que você e a Lena não teriam bebezinhos lindos pra eu mimar?

— Juliano. Me chama de Juliano. E eu já sabia que vocês também vinham pra essa nave. E eu e Helena não somos um casal, Loki, você sabe muito bem disso.

Helena parecia desconcertada, respirando fundo de tanto em tanto, mas assim que eles passaram pela comporta pressurizada e entraram no terrário, ela pareceu relaxar. Juliano entendia bem essa sensação. Ele também tinha se surpreendido com essa grande área aberta onde era possível ter a impressão de estar de volta à Terra.

Além do terrário, havia também alguns deques de observação com restaurantes chiques e alamedas com pequenas lojas que só os oficiais de mais alto escalão podiam pagar. Elas normalmente ficavam nas extremidades da *Egeu* e usavam truques de reflexão para esconder o céu estrelado durante o “dia” e mostrá-lo durante a “noite”. Havia, também, um filtro para

esconder algumas das estrelas, imitando um céu mais poluído, que tinha sido instalado após muitos dos voluntários terem sofrido ataques de pânico ao verem o infinito universo ao seu redor.

— Imagino que vocês queiram ver onde vão ficar? – ele perguntou.

— Muito. Ju...liano – Loki tinha um sorriso arteiro no rosto.

Juliano não se conteve e acabou sorrindo também. Os outros soldados já tinham ficado para trás e ele se sentia mais confortável.

— Besta.

Ele disse, enlaçando o pescoço de Loki com seu braço em um quase abraço. Loki não gostava que lhe tocassem muito, mas Juliano achava que já tinha ganhado o direito de tomar um pouco mais de liberdade. Helena riu e falou:

— Bom, eu acho que vou morar meio longe de vocês. Mas me disseram durante o treinamento que há alguns veículos elétricos que podemos usar para deslocamento pessoal. Não são muitos, mas há alguns reservados para o Conselho.

— Helena é chique, né? – Loki disse, livrando-se do abraço de Juliano e rindo. – Muito diferente de nós,

reles mortais. Espero que você guarde um pouco de caviar pra mim.

— Não tem caviar na nave, Loki – ela respondeu.

— Tem peixes, não tem?

— Bom, sim, mas–

— E caviar é ova de...?

— Peixe, mas–

— Então tem caviar.

— Loki, os peixes estão aqui para procriação. A comida é igual para todo mundo. Bom, exceto quem comer nos restaurantes dos observatórios, mas... enfim. Nada de caviar.

Juliano só acompanhava a conversa com um sorriso besta no rosto. Loki ria alto e segurava a barriga como se doesse. Como ele tinha sentido falta disso tudo! Mesmo que a maior parte do tempo que tivesse passado com Helena e Loki tivesse sido naquele inferno que se tornara sua cidade natal, essas pequenas interações sempre o alegraram.

— Vem, Loki, vamos deixar a Senhora Campos em seus aposentos, aí te trago de volta até o seu apartamento. Serei seu vizinho.

Loki riu ainda mais alto, apoiando-se em Helena, que parecia contrariada a princípio, mas acabou rindo junto.

Os três caminhavam em direção ao alojamento de Helena quando foram abordados por uma mulher com postura impecável e cabelos longos e negros sem um único fio fora do lugar. Sua beleza era um pouco intimidadora e Juliano se pegou corrigindo sua própria postura. Não que ela estivesse lhe dirigindo a atenção.

— Você deve ser Helena Campos, não? Muito prazer, eu sou Safiya Higazy, oficial de engenharia. Fico muito feliz de te ter conosco na *Egeu Nove*.

— Prazer, Senhora Higazy.

A engenheira abriu um sorriso mais largo.

— Apenas Safiya, por favor. E quem são seus amigos?

Juliano se sentiu ainda mais desconcertado do que estava quando aqueles olhos verdes-escuros fingiam ver apenas Helena.

— Loki faz parte dos colonos da nave e, se der tudo certo, vai começar a trabalhar para mim como assistente.

— isso pareceu surpreender a pequena criatura ruiva. — Juliano está nos mostrando o caminho para meu quarto. Por coincidência, nós três já nos conhecíamos.

— Entendo. É sempre bom ter amigos por perto antes de começar uma viagem como a nossa.

Os olhos de Safiya se desviaram para Loki e Juliano se percebeu invisível novamente.

— Loki é seu nome, então? Muito prazer, Loki. Vocês devem ter muitas histórias para contar, não? Eu adoraria ouvir mais sobre tudo o que vocês passaram juntos em sua cidade natal.

Juliano trocou um olhar rápido com Helena. Ela estava tão preocupada quanto ele. Era hora de interromper aquela conversa.

— Senhora Campos, seu alojamento fica logo no próximo corredor à esquerda, porta C-sete. Com sua licença, preciso ir agora. Loki, essa é uma área reservada, então venha comigo e lhe mostro seus alojamentos.

— Obrigada, Juliano. Eu encontro o caminho.

Safiya pareceu despertar de sua conversa com Loki, que contava animadamente sobre as aventuras do trio quando ainda se encontravam no Brasil.

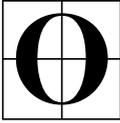
— Por favor, deixe que lhe mostro o caminho. Venha, venha!

Juliano segurou um suspiro de alívio enquanto Helena sorria e aceitava a ajuda da engenheira. Ele e Loki seguiram de volta pelo corredor mais largo que os demais da nave em direção ao elevador. O trajeto através da área “externa” do terrário era curto, mas demorou demais para Juliano. Ele só queria ter menos

*Depois do fim*

olhos sobre si, talvez um tempinho para conversar a  
sós com Loki.

## Parte 3



liver encarava a imensidão do espaço através da tela principal da cabine de comando, que era alimentada por diversas pequenas câmeras no exterior da nave, algo baseado nas tecnologias usadas em aviões *stealth*, mas com a função invertida. Ele já havia se acostumado com a ideia de estar em uma atmosfera artificial, mas ainda assim aquela vista lhe dava calafrios. Era como se uma rede de segurança que ele nem ao menos sabia que existia tivesse sido apontada apenas para ser retirada.

Antes que seus pensamentos escapassem ao seu controle e ele tivesse outra crise de ansiedade – como vinha acontecendo desde o primeiro momento em que pisara na *Egeu* –, ele decidiu se voltar para um assunto que estava na sua lista de coisas a fazer há bastante tempo já. Ele se virou para encarar sua imediata.

— DeRosiers, há algo que preciso resolver em meu escritório. Você tem o controle da ponte.

Ele pretendia pedir a ela que enviasse uma mensagem ao senhor Kearney, o oficial de segurança, pedindo um relatório detalhado de seu pessoal, mas mudou de ideia rapidamente ao se lembrar da conversa

nada agradável que tiveram depois do último pedido desse tipo que tinha feito a ela. “Sim, senhor,” ela tinha dito na hora. No entanto, quando estavam sozinhos, a conversa havia sido outra. “Eu não sou sua secretária, capitão”, ela dissera em um tom de voz incisivo, porém respeitoso. “Fui escolhida para essa missão por todas as minhas qualificações enquanto piloto e soldado. Se me deixar exercer essas funções, garanto que serei muito mais útil à *Egeu*. Se quiser, senhor, posso encontrar um assistente civil para essas tarefas”.

Se ele ainda estivesse na marinha, com certeza teria ralhado com ela. Mas desde que embarcara nessa viagem sem volta, desde a primeira vez que fora obrigado a encarar a insignificância de sua existência... bem, essa viagem estava afetando todos em sua nave. Nenhum deles era o mesmo que pisara nos transportes três semanas antes. Talvez o mais correto fosse dizer quinhentas e vinte e sete horas antes, mas como o padrão da nave era simular ciclos de dias de vinte e quatro horas, com nascer e pôr do sol, todos da nave acabaram adotando a contagem de tempo da Terra, provavelmente em um esforço para manter algum resquício de normalidade em suas vidas.

Ele não discordava desses pequenos hábitos. No fundo, todos estavam tentando manter sua sanidade.

— Sim, senhor.

Assim que a piloto aceitou a ordem, ele se retirou para os corredores laterais que levavam aos aposentos pessoais da tripulação de comando e às pequenas salas de reunião. Ele tinha convertido uma delas em um escritório pessoal, de onde resolvia a maior parte das questões de gerenciamento da nave. As salas não eram tão apertadas quanto algumas outras e também contavam com uma mesa grande e alguns compartimentos para guardar documentos importantes. Além disso, havia um terminal diretamente em frente ao assento do meio próximo à parede, onde normalmente se sentaria quem estivesse conduzindo a reunião. Esse terminal lhe dava acesso a tudo que ele precisava na rede da nave e facilitava seu trabalho. A tela às suas costas era bem menor do que na ponte de comando e ele podia inserir um simples comando para que a visão do exterior fosse substituída por um quadro em movimento.

Ele se sentou no terminal e entrou com seu usuário e sua senha. Logo já tinha enviado um pedido formal ao setor de segurança e os relatórios de pessoal deveriam

estar em sua caixa de entrada em breve. Ele abriu a pasta de requisições e havia uma lista enorme de pedidos esperando sua aprovação ou rejeição, todos codificados por setor e nível de importância. Por onde começar?

O Setor de Comunicação queria criar escolas de idiomas para facilitar a conversa entre os colonos e precisavam de espaço nas salas da nave. Ele teria de descobrir quem entre os colonos era o responsável pela educação dos mais jovens e colocá-lo em contato com quem havia escrito a requisição.

O ciclo de comida parecia estar seguindo bem, mas alguns dos animais não haviam se adaptado à viagem espacial e um comitê de cientistas do setor de biomas havia preenchido uma requisição para que seus corpos fossem aproveitados na alimentação dos colonos. Era uma decisão lógica, então ele deu sua aprovação, mas o sistema ainda acusava “requisição pendente”. Ele franziu o cenho e selecionou a opção para ver a requisição expandida.

*Requisição pendente. Aguardando confirmação da Oficial dos Colonos.*

Oliver suspirou. Tudo naquela nave parecia ter camadas e mais camadas de burocracia. Ele olhou o relatório detalhado e percebeu que o pedido já havia sido visualizado pela Oficial Campos, mas não respondido. Afinal de contas, o que ela estava esperando?

Era uma decisão tão simples, tão lógica, tão óbvia. Se aquela carne ficasse abandonada por muito tempo, talvez não pudesse ser aproveitada senão como adubo. Se havia uma coisa que Oliver odiava era desperdício – tanto em alto mar como no espaço sideral, tudo devia ser aproveitado.

Irritado, ele buscou pelo número do comunicador pessoal de Helena Campos no serviço de mensagens e ficou parado olhando a pequena barrinha vertical piscar enquanto ele tentava decidir o que escrever. Ele sabia que precisaria conversar com ela sobre outro assunto muito em breve e talvez essa fosse a oportunidade perfeita.

*Gostaria de saber sua opinião sobre o projeto de reaproveitamento do setor de biomas. Podemos conversar pessoalmente?*

Pronto. Isso deveria resolver. Ele encarou a tela por mais uns momentos, esperando a resposta imediata. Dois minutos se passaram e ele decidiu voltar sua atenção a alguma outra questão de sua lista.

Mais uma requisição do departamento de biomas, mas dessa vez assinada pelo próprio oficial de biomas, Makoto Shimizu. Ele queria triplicar a quantidade de plantas produtoras de oxigênio ao mesmo tempo em que expandiria sua distribuição na nave, melhorando as chances de sobrevivência caso algum setor fosse afetado. Mas, para isso, precisava garantir que as luzes do resto da nave realmente conseguiriam oferecer o que as plantas precisavam para se reproduzir fora do setor de Terrário, como era conhecida a área de convivência civil. Shimizu queria uma sala de pouca circulação para testar a adaptação dos vegetais. Oliver olhou em volta, pensou um pouco e respondeu a Shimizu que poderia testar em seu escritório, se quisesse. Um pouco de verde o ajudaria a esquecer o vazio do outro lado da parede.

O que mais? Pedidos de dispensa de equipamentos por pessoas sem permissão de uso. Pedidos de julgamentos em casos em que a justiça dos colonos parecia não ter dado resultados favoráveis. Ele

não se envolveria nisso nem que houvesse um assassinato na nave. Ele bem sabia como as coisas saíam do controle quando militares tentavam se envolver em questões civis. Talvez ele pudesse entrar em contato com o oficial de segurança e pedir ajuda?

*PING.*

A janela do comunicador piscava em sua tela, minimizada à direita. Ele logo a selecionou. A Oficial Campos finalmente respondera.

*Quando?*

Oliver pensou um pouco. Ele tinha muito a conversar com ela e queria resolver isso o quanto antes.

*Assim que possível.*

Ela começou a digitar algo, depois parou. Mais uma vez, as reticências que indicavam atividade do outro lado apareceram, depois sumiram. Quando ele já estava perdendo a paciência, a oficial Campos finalmente respondeu:

*Estou a caminho.*

Não demorou muito para que chegasse. Ela bateu e, sem esperar sua permissão, entrou, andando até a mesa e sentando-se de frente para ele.

— Senhora Campos, por favor, sente-se.

Sua expressão dizia que ela não havia captado a ironia.

— Recebi um pedido do setor de biomas para reaproveitamento dos animais mortos na alimentação, mas vejo que você o visualizou há... cinco horas e não respondeu ainda. Gostaria de resolver isso antes que essa carne toda fosse desperdiçada.

— É uma questão complexa, capitão. Estou—

— Complexa? É uma questão muito clara. Temos comida. Temos bocas para alimentar. É matemática simples.

Ela não parecia nada feliz em ser interrompida.

— E onde em sua conta entra a possibilidade de descontentamento e divisas sociais baseadas em oferta e procura de carnes raras? Ou mesmo as pequenas corrupções que podem levar a mortes ‘inesperadas’ de outros animais para que os restaurantes de luxo dos deques de observação possam oferecer alguma iguaria que os oficiais mais bem remunerados possam querer?

Ele tentou abrir a boca para falar, mas a Oficial não lhe deu espaço.

— Imagino que para alguém tão ocupado quanto você, uma situação dessas deva ser resolvida assim – e estalou os dedos – para que todos possamos voltar para a rotina, mas questões complexas exigem análises complexas. Tenho certeza de que o capitão não imaginaria que visualizei um pedido como esse e decidi ignorá-lo para tratar de outras coisas menos importantes. Não, de forma alguma. O senhor com certeza sabe que estive investigando os possíveis desdobramentos e conversando com responsáveis das diversas áreas para chegar a um parecer apropriado.

A forma como ela dizia “senhor” parecia conter a dose mínima de respeito para garantir que não seria desacato – assim como a dose máxima de escárnio.

— Senhora Campos, eu não quis ofendê-la. Como capitão, é minha função manter a minha nave funcionando. Se vejo que algo precisa ser resolvido, ou mesmo investigado – Helena Campos pareceu estremecer um pouco ao ouvir essa palavra –, é minha função intervir.

Talvez fosse hora de entrar no assunto que mais lhe incomodava.

— Aliás, Senhora Campos—

— Oficial Campos.

— Perdão?

— Se vamos tratar de assuntos oficiais, não estou aqui como senhora Campos, estou aqui como oficial Campos, membro do comitê executivo. E, por falar no comitê, acredito que estejamos falando de *nossa* nave, capitão.

Boa jogada. Em verdade, sua autoridade ainda se subordinava a um comitê formado por todos os oficiais dos sete departamentos da *Egeu*, por sua imediata, Émile DeRosiers e por ele mesmo. Em teoria, o comitê só se reuniria em casos especiais, estando todas as decisões do dia a dia em suas mãos, mas... Helena Campos acabara de lembrá-lo que ela também tinha o poder de convocar o comitê. Talvez ele também pudesse usar disso para conseguir as informações que queria.

— *Oficial* Campos, recebi denúncias de rumores que correm pela *Egeu* e preciso decidir se devo levá-los ao comitê. Considerando que se referem a alguém dentro de seu setor, achei que seria de bom tom trazer a informação até você antes de intervir.

— Rumores, capitão?

Era difícil dizer se ela estava assustada ou irritada. Bom, talvez fosse uma mistura dos dois.

— Sim. Há rumores de que uma pessoa foi adicionada ao grupo de colonos depois da lista já estar fechada há pelo menos dois meses.

Ahá! Ela definitivamente estremeceu, engolira em seco. Oliver deixou o silêncio se prolongar.

— Imagino que em algum momento você pretenda me dizer quem, capitão.

Desapontado, ele tentou impedir seus lábios de se contorcerem.

— Uma pessoa sem sobrenome. Loki.

Não era a reação que ele esperava. Ela franziu o cenho e tombou a cabeça para o lado.

— Isso não é possível, capitão.

— E por que não?

— Porque recebemos nossas cartas de recrutamento ao mesmo tempo e em minha primeira reunião de treinamento a lista de colonos ainda estava em aberto.

— Mas a lista original que recebi realmente não tem o nome dele— er, dela? Aliás, sua ficha médica também não diz seu sexo e, bem, devo confessar que não consigo decidir por sua foto.

— Dile.

— Perdão?

— Dile. Loki se sente confortável com o pronome ile.

— Eu não faço ideia do que você está falando, senh— Oficial Campos.

— Loki é uma pessoa não binária. Ile não é homem ou mulher. Por isso, prefere que usemos o pronome ile.

— Ok, mas o que el— ile é? De verdade?

— Ile é não-binária, capitão.

Ela soava exasperada, como se ele não estivesse entendendo algo óbvio. E, infelizmente, ele realmente não estava entendendo nada.

— Mas suas... partes íntimas?

— Perdão, capitão?

— Me desculpe, o que eu quero dizer é que... *ile* tem um sexo biológico. Isso define como o... a... como chamamos Loki.

— Ah, sim... e isso também define suas cores favoritas, quais atividades ile irá realmente apreciar, que tipos de filmes vai assistir, que roupas vai usar, quais cortes de cabelo lhe são permitidos. Não seja inocente, capitão!

Oliver espremeu os olhos. A oficial Campos parecia realmente irritada, mas ainda havia uma cadeia de comando em sua nave. Ele deveria... respirando fundo, ele se lembrou que deveria entender que não era

sua nave. Ela era membro do comitê executivo assim como ele, não sua subordinada. Ela era civil, ele militar.

— Me desculpe.

Era difícil dizer quem tinha falado primeiro. Depois de um curto momento de silêncio, a oficial Campos deu uma risada curta e Oliver ergueu as mãos admitindo derrota. Ele decidiu que devia abrir o jogo com ela.

— Oficial Campos, acho que é hora de ser totalmente honesto com você. Quando recebi o relatório dos Oficiais da *Egeu*, havia uma anotação em sua ficha. Há rumores de que você usou sua autoridade para trazer alguém para a nave e isso tem me incomodado desde o primeiro dia. Por isso, assumi automaticamente que você era a responsável por trazer Loki para a *nossa* nave.

— Capitão—

— Por favor, me chame de Oliver. Afinal, somos ambos membros do comitê.

— Certo. Oliver, como eu lhe disse, fui recrutada ao mesmo tempo que Loki. Para ser sincera, só aceitei essa posição por saber que ile estaria aqui. Desde que escapamos da morte juntas, não consigo me imaginar longe d'ele. Não me sinto segura longe d'ele. Loki é...

especial para mim. Me sinto ora como uma irmã mais velha que precisa ter certeza de que ele está bem e ora como uma irmã mais nova que não sobreviveria sem ele para cuidar de mim. Nós perdemos nossas famílias no Cataclisma, perdemos todo mundo que conhecíamos. Sem Loki... bem, sem Loki eu não tenho praticamente ninguém.

Oliver sabia bem o que era isso. Ele se lembrou da foto que sempre carregava em seu bolso, já toda amassada e desbotada. Ele tinha uma cópia digital, mas olhar para uma tela parecia a forma errada de se sentir saudades de alguém. Talvez ele fosse antiquado, mas simplesmente não era a mesma coisa.

— Entendo. Me desculpe por presumir.

— Acontece com todos nós.

Ele franziu novamente o cenho, olhando para o lado. O nome de Loki só aparecera na lista bem depois e, em teoria, as listas estavam fechadas já há muito tempo. Então...

— Mas quem recrutou Loki?

— Isso eu não sei dizer, Oliver. Talvez se eu lhe disser que está procurando uma conspiração que não existe, não acredite em mim. Afinal, sou muito próxima a Loki e teria motivos para mentir aos seus

olhos. Mas, para ser sincera, preciso admitir que estava um pouco na defensiva, sim. Em meu país, temos um histórico bem ruim com o fantasma do militarismo assombrando a sociedade civil e eu esperava ter de brigar com unhas e dentes para manter nossa colônia uma sociedade civil. Fico feliz em saber que não é com esse tipo de pessoa que estou lidando. De minha parte, só posso retribuir a boa surpresa sendo também honesta e aberta. Bem, eu não tenho nenhuma ligação com o recrutamento de Loki para a *Egeu Nove*, mas há algo que é melhor você saber sobre ile...

Ela parou por um momento e respirou fundo. Oliver se inclinou para frente em sua cadeira, seus pensamentos já abandonando toda essa história de ‘ile’ isso, ‘dile’ aquilo. Ele queria muito que a oficial Campos lhe explicasse melhor essa coisa toda, mas, pelo jeito, havia algo mais importante no momento.

— Sim?

Safiya espreguiçou seu corpo esguio, virando-se na cama e descansando a cabeça no peito de Artem. Ambos estavam suados, cansados – e felizes. Com um

dedo fino, ela traçava as cicatrizes no corpo dele. Sua vida realmente não deveria ter sido fácil.

— Artem...

— Hm?

— Doeu muito quando...?

— *Niet.*

Os dois permaneceram em silêncio durante algum tempo. Safiya jamais imaginara que sua viagem na *Egeu* lhe traria momentos de paz como esse.

— Eu fico muito feliz que tenhamos nos encontrado.

Artem riu com sua voz rouca.

— Você é sempre tão honesta nessas horas. Quem te vê andando pelos corredores totalmente em controle não sabe quem você pode ser quando baixa a guarda.

— Oras, como se você fosse muito aberto com estranhos.

Ambos riram.

— Para ser sincera, essa é uma das coisas que gosto em você. Sinto que posso confiar realmente em você, que meus segredos estarão seguros.

— Digo o mesmo.

Safiya suspirou. Seu plano para a *Egeu* estava caminhando bem e ter encontrado Artem tinha sido uma ótima surpresa. Ele sabia o que estava por vir e

não ia ficar no caminho dela. Na verdade, ele até tinha se oferecido para ajudar. Segundo dizia, ninguém melhor do que ele naquela nave para conseguir se aproximar de Loki.

— Quanto tempo temos? – ele perguntou.

— Hm... alguns minutos. Artem...

Ela interrompeu o que ia dizer e sentou-se na cama, puxando os longos cabelos e jogando-os para trás por cima dos ombros. Artem colocou os braços atrás da cabeça e a olhou com curiosidade.

— Eu sei que prometi que teríamos esses momentos só para nós, mas precisamos conversar sobre o que virá. Logo precisarei colocar meus planos em ação e... bem, precisarei de sua ajuda tanto dentro quanto fora do comitê.

Artem riu.

— Não se preocupe, Safiya. Eu andei sondando alguns outros membros e acho que não teremos problemas. Bem, talvez a oficial de colonização seja uma exceção. Ela é muito próxima de Loki. Mas acho que, dadas as circunstâncias, ela não será um problema. Caso contrário... – e deu de ombros.

— Espero que sim. – Ela olhou novamente para o relógio em seu comunicador pessoal. – Artem, pelos

meus cálculos, nosso tempo está realmente acabando. Precisamos nos vestir e agir antes que seja tarde demais.

O médico observou sua amante se levantar e começar a se vestir. Se havia uma coisa que ele gostaria de ter deixado totalmente na Terra era seu passado conturbado, mas, pelo jeito, isso seguiria com ele aonde quer que fosse.

## Parte 4

**F**altavam algumas horas para a próxima reunião do comitê e Helena se encontrava na porta da ponte de comando, esperando o capitão poder lhe dar atenção. Havia poucas pessoas na sala e ela olhou em volta enquanto se perguntava se era sempre assim. Contando as cadeiras, ela chegou à conclusão de que a nave realmente precisava de poucos tripulantes. Além de Oliver e de Émile DeRosiers, sua imediata, havia um jovem que havia sido apresentado durante a última reunião como o assistente pessoal do capitão, Heike Stauss.

— Oficial Campos. Obrigado por ter vindo. Eu queria conversar com você sobre alguns dos tópicos que abordaremos com o comitê. Acredito que seria bom você ter acesso prévio aos tópicos relacionados aos colonos.

Realmente, ele tinha mudado. Recentemente, Oliver demonstrava estar muito aberto ao diálogo e não poucas vezes lhe pedia conselhos sobre questões relacionadas aos civis, mesmo aqueles que não eram parte do grupo dos colonos. Ela ficava feliz com isso.

— Claro, capitão. O que quer discutir?

Oliver se virou para pegar um tablet que deixara sobre a poltrona de comando e Helena aproveitou para lançar uma piscadela a Émile. Nas últimas semanas, elas tinham ficado muito próximas devido às suas constantes visitas à ponte de comando – e às noites bebendo vinho e fofocando como adolescentes sobre a nave e seus tripulantes. Até mesmo Loki já começava a se abrir um pouco para ela. Duas noites atrás, eles três passaram boas horas “investigando” a possibilidade de Heike e Fergus Kearney, o oficial de segurança, estarem em um relacionamento.

Helena piscou e começava a direcionar seu olhar novamente para o capitão quando o tempo pareceu se dilatar, um momento durando muito mais do que devia. Primeiro, ela sentiu-se puxar para cima, percebendo logo depois que a gravidade da nave tinha sido desligada. As luzes principais também falharam por um segundo e ela sentiu um grande desespero ao se ver em uma caixa escura no meio do vazio do espaço.

Então, as luzes vermelhas de emergência se acenderam e os sistemas apitaram com alarmes estridentes. Os monitores se religaram e ela viu que eles ainda reproduziam as mesmas telas de antes. Seus

olhos finalmente recaíram sobre Oliver, que parecia tão desesperado quanto ela.

Ele tocou o botão de seu comunicador e gritou um comando para que a gravidade fosse reestabelecida logo. Ela podia imaginar o motivo: com a altura do compartimento principal, desenvolvido justamente para emular um ambiente a céu aberto, qualquer pessoa, animal ou coisa que flutuasse muito alto não sobreviveria à queda.

Seus pensamentos foram interrompidos pela pressão imediata e pela sensação de bater no chão com força, o seu tornozelo girando de uma forma inesperada. Com certeza mancaria por um bom tempo.

— O QUE ACONTECEU?! — Oliver gritava no comunicador.

Um dos engenheiros, identificado pelo logo do departamento em sua camisa, apareceu no canto da tela principal da ponte de comando. Atrás dele, diversos outros corriam de um lado para o outro, apagando focos de incêndio, tentando religar algum maquinário aqui, desligar outro ali.

— Capitão! Nosso motor principal falhou! Estamos trabalhando apenas com a energia reserva!

— Quanto tempo temos até uma falha mais grave dos sistemas?

— Se mantivermos tudo ligado, menos de uma hora. Senhor, precisamos desligar os propulsores, manter apenas os sistemas vitais da nave, como a gravidade e a distribuição de oxigênio.

— Perm— Helena imaginava que Oliver estava pronto a dar permissão, mas mudara de ideia. — Onde está a oficial Higazy?

— Não sabemos, senhor. Ela passou por nós alguns minutos atrás, mas disse que tinha algo importante para resolver em outro setor.

O silêncio se estendeu por um tempo.

— Capitão?

— Se desligarmos os propulsores, devemos esperar um segundo impacto?

— Não, capitão. Não há resistência, então a nave deve seguir seu trajeto normalmente, mas o planejamento da viagem será comprometido. Se sairmos de nosso cronograma de saltos, corremos o risco de não chegar ao nosso destino dentro do prazo esperado ou de termos de corrigir nossa trajetória para evitarmos obstáculos dos quais originalmente não precisaríamos desviar.

— Melhor isso do que ficarmos sem energia para distribuir ar renovado, eu diria – Émile opinou.

Helena só podia concordar.

— Muito bem, – o capitão finalmente disse – permissão concedida. Assim que conseguirem entrar em contato com a Oficial Higazy, digam-na para que me encontre na ponte.

— Sim, senhor.

A imagem no canto da tela desapareceu, deixando-os novamente no escuro avermelhado e voltou a apresentar a escuridão do universo.

— Oliver, eu preciso checar como estão os colonos e os serviços de emergência. Posso usar um de seus terminais?

— Claro, claro – e gesticulou para um computador no canto antes de se voltar para seu assistente. – Senhor Stauss, ative o sistema de comunicação interespacial. Preciso que contate o controle da missão imediatamente.

— Sim, senhor.

Helena checava relatórios de danos e procurava maneiras de realocar recursos para ajudar os locais mais atingidos. Com o canto do olho, pôde ver uma grande janela preencher a parte central da grande tela

depois de alguns minutos. Um oficial militar de alto escalão, a considerar as tantas medalhas penduradas em sua lapela, dirigiu-se a Oliver.

— Capitão Jackson.

— General. Estamos enfrentando uma falha grave no motor principal. Não temos a localização da oficial Higazy e há chances de ela ter se ferido ou de estar inconsciente. Precisamos da ajuda dos demais engenheiros responsáveis pelas *Egeu*. Nossos cientistas precisam de direcionamento para os consertos.

Helena achara, a princípio, que era só impressão, mas agora tinha certeza. O general estava extremamente desconfortável.

— Capitão, nós... Como vocês devem imaginar, não há muito o que possamos fazer considerando a distância entre nós.

O general parou por um momento, desviando o olhar para baixo. Suas sobrancelhas grisalhas se aproximaram e sua expressão passou de algo meticulosamente controlado para um ar de desaprovação e irritação. Ele lambeu os lábios antes de prosseguir.

— *Egeu Nove*, eu gostaria pessoalmente de pedir perdão pela posição em que se encontram. Recentemente, recebi um relatório que gostaria de

dividir com vocês – diabos, eu gostaria de dividi-lo com todos que quisessem lê-lo, mas não posso. Ordens superiores. Tudo o que posso dizer é: sinto muito.

Ele tomou ar, como se fosse continuar, mas a transmissão foi cortada abruptamente. Helena encarava a tela principal sem acreditar no que tinha ouvido, seu próprio terminal esquecido à sua frente. Tudo isso só lhe deixava com um nó no estômago e uma certeza no seu âmago: o que tinha acontecido não fora acidental – ou, ao menos, não fora inesperado.

Momentos se passaram sem que ninguém se movesse na ponte de comando. Finalmente, Émile quebrou o silêncio:

— Capitão... precisamos dizer algo para a tripulação, para os colonos...

Oliver respirou fundo, e Helena percebeu que ele tremia.

— Sim. Sim, você tem razão. Me dê um momento para... para...

Para o quê? Não havia nada a ser feito. Logo Helena se viu puxada para uma discussão que realmente não queria ter: como informar a todos na nave que eles provavelmente morreriam na imensidão do espaço? Ela, Oliver e Émile debatiam freneticamente formas de

lidar com a situação e tentar salvar tantas pessoas quanto pudessem, de tentar garantir que a *Egeu Nove* chegaria ao seu destino. Eles precisavam convocar uma reunião do comitê urgentemente.

Um dos técnicos os interrompeu de maneira quase frenética:

— Capitão! Capitão!

Quando as atenções se voltaram para ele, o rapaz pareceu perceber o que tinha feito e enrubescou, mas continuou falando no mesmo tom de animação:

— Os sistemas da nave estão voltando! Temos energia para todos os sistemas. Estamos salvos, capitão!

Os três trocaram um olhar de descrença.

— DeRosiers, reúna o comitê, por favor. Peça um relatório completo de todas as áreas da nave.

— Sim, capitão.

Helena finalmente se lembrou do computador que esperava seus comandos e voltou ao trabalho. Ela precisava descobrir onde estavam Loki e Juliano, mas também tinha de garantir que estava fazendo todo o possível pelos colonos.

Loki tentava de todas as formas que podia estancar o sangramento da cabeça de Juliano. Quando a gravidade tinha voltado, ele tinha batido sua cabeça e agora estava desacordado. Loki precisava fazer algo, mas não sabia por onde começar. Com a garganta fechando de desespero, ele tentou gritar por ajuda. Conseguiu, finalmente, registrar um pedido de ajuda urgente usando os comandos de voz do computador que controlava seu pequeno apartamento.

Uma eternidade pareceu se passar até que finalmente ouviu batidas em sua porta. Ele se levantou correndo, vestindo apressadamente sua camiseta. Com os olhos arregalados, Loki viu o oficial de Medicina da nave encarando-o. O russo era alto e tinha uma expressão muito séria no rosto. Ao seu lado estava a mulher que os recepcionara no seu primeiro dia na *Egeu*, Safiya, com uma maleta metálica na mão. Sem demoras, ela começou a falar com aquele tom de confiança de sempre.

— Precisamos da sua ajuda. Acredito que só com suas habilidades poderemos colocar a nave para funcionar de novo.

— E-eu? Mas eu não entendo nada dessas coisas.

— Não é por questões técnicas que te procuramos, Loki. É porque sabemos o que você pode fazer.

Loki olhou por cima do ombro para o rapaz caído ao lado de sua cama.

— Loki... O que aconteceu aqui?

— A gente... O Juliano... Quando a gravidade voltou, ele caiu e bateu a cabeça. Ele não acorda. Eu não consigo fazê-lo parar de sangrar.

— Loki, posso entrar? – Artem disse. – Vou chamar alguém da área médica para cuidar dele, mas posso aplicar os primeiros socorros.

Loki acenou com a cabeça, dando passagem. O médico correu até Juliano, abaixando-se e reposicionando-o. Depois de mexer um pouco em sua cabeça e amarrar uma fronha dobrada diversas vezes contra a cabeça dele usando uma parte do lençol, ele checkou os sinais vitais e tirou uma lanterna pequena do bolso, abrindo as pálpebras de Juliano com os dedos e piscando-a algumas vezes.

Safiya falava com ile, mas Loki mal prestava atenção. Algo sobre um cristal e seus poderes. Naquele momento, ile mal se preocupava com um de seus segredos ter sido descoberto. Tudo o que importava era Juliano.

— Você entendeu, Loki? – Safiya perguntou.

— Não, eu não entendi nada. Você acha mesmo que eu estava ouvindo alguma coisa?

Loki percebeu que estava quase gritando. Ele sentia algo queimando dentro de si. Logo viria a dor de cabeça. Ele precisava colocar essa energia para fora antes disso acontecer. Então seu raciocínio alcançou tudo o que Safiya tinha dito. Era exatamente isso que ela queria dile. Seus olhos, no entanto, não conseguiam se desviar de Juliano, mesmo depois de Artem ter reposicionado seu corpo, fechado sua calça e colocado uma manta sobre ele.

— Eu não posso prometer que ele vai ficar bem, – disse, voltando-se para Loki – eu gostaria muito de poder fazer isso, mas não posso. O que eu posso te prometer é que você ficar aqui não vai mudar o que vai acontecer e você vir conosco vai nos ajudar bastante. Vai ajudar a nave toda. Vai ajudar seu amigo também.

Ele posicionava os travesseiros para segurar a cabeça de Juliano da forma correta e Loki ouviu passos apressados no corredor. A engenheira colocou a cabeça para fora e suspirou com alívio.

— Os médicos estão chegando.

Finalmente, Loki olhou para Safiya e concordou com a cabeça. Iles limpou o nariz com a manga da camiseta e as lágrimas com a mão.

— Estou pronte.

Safiya sorriu e agradeceu Loki antes de se virar e seguir de novo pelo corredor. Loki e Artem a seguiam enquanto ela corria como se soubesse exatamente para onde ir.

Depois de quase meia hora percorrendo corredores brancos e estéreis, eles chegaram a uma porta com um leitor de digitais. Safiya tocou o leitor com seus dedos longos e a porta se abriu com um chiado. A porta se fechou depois que eles passaram e Loki se surpreendeu com o silêncio da sala.

— Muito bem, Safiya, estamos aqui, – Artem disse – o que devemos fazer agora?

A engenheira fechou os olhos por um instante antes de responder. Eles estavam em frente a algum tipo de maquinário que tinha, no centro, um cristal lilás preso atrás de um painel de vidro reforçado.

— Certo. Certo. O que sabemos do sistema de comunicação é que ele é inovador e trabalha com transferência de dados em uma dimensão quântica. Para isso, ele usa um mineral específico que não só

serve para permitir a transmissão através dessa dimensão quântica, mas também como fonte de energia para esse sistema. Mas esse mineral não gera energia suficiente para substituir a fusão nuclear. Não chega nem perto, na verdade.

Sentindo-se muito irritado, Loki só queria chacoalhá-la e perguntar o que isso tinha a ver com ele.

— Não sozinho.

Safiya olhou para Loki e respirou fundo antes de continuar.

— Loki, eu tive acesso a um arquivo sobre você. Eu consegui esse arquivo apenas porque tinha amigos nos lugares certos. Ele diz que, durante sua fuga de sua cidade natal, você demonstrou alguns... dons diferentes.

— Não sei do que você está falando, moça – Loki retrucou.

— Está tudo bem, Loki, ninguém vai transformar isso em um problema. Ninguém vai te perseguir por isso. Mas só você pode nos ajudar a resolver nossa situação atual.

Loki sentia a desconfiança e o medo que lhe perseguiram durante quase toda a sua vida se misturarem à irritação e ao medo de perder Juliano. Ele estava a ponto de explodir.

— O que você quer dizer com isso? Seja mais direta, por favor! Eu não faço ideia do que você quer.

— Claro, claro. Assim como eu consegui acesso ao seu arquivo, Loki, também comprei um relatório de análise desse mineral que estamos usando aqui. Eu acredito que ele é capaz de ampliar e redirecionar, se não armazenar, um tipo de energia muito específico que alguns seres humanos geram. Eu sei que o que eu vou dizer pode parecer loucura, mas peço que me ouça até o final. Desde que os incidentes começaram a acontecer na Terra, eu desenvolvi um dom especial, porém fraco. Às vezes, eu consigo mover pequenos objetos sem tocá-los. Eu consigo, por exemplo, remover um parafuso de uma parede sem tocá-lo, mas apenas se ele já estiver frouxo. Eu consigo sentir *algo* passando pelo meu corpo quando o faço, quase como eletricidade.

Ela parou para engolir em seco e suspirar mais uma vez.

— Se eu tocar esse parafuso, mesmo que através de uma chave de fenda, eu consigo canalizar essa energia e removê-lo com mais facilidade. Apesar de muito treinar, eu consegui desenvolver apenas algum controle, mas não aumentar a quantidade de energia que eu gero. Bem, eu tentei ter acesso ao sistema de

comunicação durante seu desenvolvimento para ver se eu conseguia gerar mais energia, conforme o relatório dizia. Se eu pudesse gerar energia suficiente... bem, talvez eu pudesse substituir nosso gerador de energia por um tempo. No entanto, eu descobri que não sou forte o suficiente. Foi aí que consegui acesso ao arquivo sobre você.

Loki ouviu tudo tentando prestar o máximo de atenção, mas era muito difícil não pensar em Juliano, coitado. Ile não esperava ver seu namorado novamente quando foi escolhida para ir para o espaço, mas achava que ele logo superaria sua partida. E quando o viu a bordo da *Egeu*... bom, seu coração parecia um filhotinho de cachorro com sua primeira bolinha.

Ile sabia como era ter relacionamentos com homens: mais cedo ou mais tarde, eles se sentiam desconfortáveis demais em namorar alguém como ile – ainda mais se fosse algo assumido. Juliano parecia diferente, mas ainda assim... Loki tinha medo. Ile tinha muito medo. Assim como acontecera quando estava perto dos guardas na entrada da nave, às vezes Juliano parecia envergonhado de estar com ile.

E agora ile temia que Juliano lhe fosse tirado... Lena que se preparasse para sua choradeira.

— Loki... – Safiyya disse. – Eu vi em seu arquivo que foi por sua causa que vocês conseguiram escapar de sua cidade natal. Algumas das pessoas que escaparam com vocês testemunharam que você tem habilidades especiais, talvez habilidades como as minhas. Minha intenção era ver quanta energia você conseguiria carregar em uma bateria através do mineral que usamos em nosso sistema de comunicação. Mas isso exigiria alguns dias de testes e ajustes. Isso exigiria uma forma de ver quanta energia está armazenada nesse... cristal. Eu tentei conseguir uma amostra fora do sistema de comunicação, mas esse material é tão raro que não consegui nem mesmo uma lasca, mesmo usando toda a influência da minha família.

Ela suspirou, ajeitando o cabelo, e abriu a maleta, tirando uma máquina oval do recorte de mesmo formato na espuma cinza-escura. Na parte da frente do maquinário havia um pequeno visor que piscou com algumas barras coloridas quando ela apertou um botão.

— Agora, no ponto em que estamos, logo todos os nossos sistemas estarão em falência e apenas os painéis solares proverão condições de sobrevivência, mas não seremos capazes de continuar nossa viagem.

Mas isso nos dá a oportunidade de testar minha teoria e meus cálculos.

Girando a parte de cima da pequena máquina, ela a abriu e começou a digitar comandos em um terminal na parede. Com um chiado, uma das placas de metal se deslocou, e o cristal desceu, ainda preso em duas peças de metal escuro.

— O que você quer de mim? Seja direta! Eu não entendo essas baboseiras todas.

A cientista parou, talvez assustada com o tom agressivo de Loki. Artem colocou um braço grande e musculoso entre eles. Safiya falou um pouco mais devagar:

— Este cristal na minha mão pode substituir nosso gerador, fornecendo energia para alguns sistemas da nave. Mas ele não pode fazer isso sozinho. É por isso que precisamos de sua ajuda. Nós precisamos que você dê energia para esse cristal.

Loki não perguntou como ela esperava que ele fizesse isso. Isso estava muito claro, pelo menos para ele. Loki sabia também que, em algum momento, Safiya tinha explicado como ela sabia de seus dons, mas isso não importava mais. Será que Juliano estava bem?

Safiya retirou o cristal do sistema de comunicação e o ligou à sua pequena máquina, dizendo:

— Venha. Precisamos ir até o motor da nave.

Mais uma caminhada pelos corredores da nave, mais tempo perdido. Se Juliano não sobrevivesse... Pelo menos dessa vez tinha sido mais rápido. Eles entraram em uma grande sala com diversas pessoas vestidas com uniformes da engenharia. Loki podia ver diversas marcas de incêndios que haviam sido apagados.

— Oficial Higazy! O capitão convocou uma reunião do conselho. O motor principal falhou!

— Eu sei. Por favor, execute o protocolo 42.

A engenheira parecia confusa, mas obedeceu. O motor principal, uma grande peça de maquinário, foi isolado em um compartimento de vidro reforçado e um pequeno espaço na parede se abriu com o formato ideal para encaixar o cristal e seu invólucro.

— Agora, Loki. Preciso que carregue o cristal.

Os pensamentos de Loki se tornaram extremamente claros e focados no agora assim que se concentrou no cristal violeta-claro. Apesar de Juliano ainda estar no canto de sua mente, ele só conseguia prestar atenção nas ondas que sentia e via saindo do cristal.

— Claro, claro... fácil. Isso é fácil.

Loki se aproximou e estendeu a mão. Era como tocar a brisa suave antes da chuva. Mas não era o ar. Era

apenas aquela sensação macia, leve... Suas mãos passaram por diversas camadas como essa até chegarem a poucos milímetros do cristal. Ile sentia o calor e o movimento, o pulsar de energia. Era algo fraco, débil, perto do que Loki sentia dentro de si. Toda aquela tarde, todas aquelas emoções... tudo aquilo que queimava dentro d'ele.

Então, ile imaginou esse pulsar se ampliando e o seu próprio acompanhando, tudo aquilo que lhe consumia por dentro sendo jogado em uma grande fogueira como lenha para ser queimada.

Era difícil dizer quanto tempo se passou, mas eventualmente ile ouviu sua própria voz em um gemido estrangulado. De algum lugar, ouvia a voz de algum dos engenheiros:

— Os níveis de energia estão subindo! Os sensores apontam produção suficiente para manter os sistemas de suporte à vida e os sistemas básicos da nave.

— Ainda não é o suficiente para ativar os motores de salto, muito menos os sistemas de compensação, – Safiya disse – mas já conseguiríamos seguir viagem com os motores primários. Loki, por favor, pare um pouco. Vamos ver o que acontece.

Loki obedeceu. Ile não sabia exatamente como estava fazendo aquilo, da mesma forma que não saberia dizer como fazia para respirar, mas era algo que vinha de forma natural.

— Os níveis estão se mantendo!

Loki não reconhecia todas as vozes animadas que se juntavam à conversa, mas elas pareciam vir de muito longe, apesar de soarem tão alto.

— Incrível! Isso quer dizer que o mineral gera energia de acordo com um padrão de entrada. Quanto tempo será que isso durará?

— Nós podemos usar este sensor para monitorar. O sistema ainda é precário, mas podemos usá-lo até restaurarmos o gerador de fusão e, depois, pesquisar formas mais duradouras...

— O relatório que recebi diz que ainda precisaremos de cerca de cinquenta horas para consertar o gerador. Podemos seguir em velocidade baixa enquanto isso... vamos demorar algumas semanas a mais para chegar, mas...

Loki não queria ficar nem mais um dia naquela nave, não daquele jeito. Ile estendeu a mão novamente e *desejou* que o cristal pulsasse mais forte. Ile ouviu alguém inspirar rapidamente, como se assustada.

— Os níveis estão quase igualando o gerador de fusão!

Loki achava que era a voz de Safiya, mas não tinha certeza. Ile forçou ainda mais sua conexão com o cristal. Ele ia pulsar mais forte. A nave ia chegar mais rápido, mesmo que Loki tivesse que forçar aquele cristal a pulsar da forma como ile queria o tempo todo. Ile ia...

O mundo pareceu chacoalhar inteiro. O mundo, não. A nave. Bom, isso era seu mundo todo no momento. Ou talvez tivesse sido apenas ile?

Loki se viu apoiado contra uma parede, com a engenheira olhando para ile com preocupação. Artem segurava ile em pé e tocou seu rosto com uma mão calejada.

— Loki? Você está bem? – ele perguntava. – Não se force mais do que consegue. O cristal já está gerando energia o suficiente para tudo que precisamos. Logo o gerador estará funcionando de novo. – E, voltando-se para Safiya: – Ile não parece bem. Precisamos ir até a enfermaria.

— Certo. Sim, sim, você tem razão, – disse, antes de voltar-se para ile. – Loki, você salvou nossas vidas. Obrigada.

Ile tentava falar, mas não conseguia controlar seus músculos direito. Sua boca estava mole e seus ouvidos zuniam em um pulsar elétrico. Quando tentou empurrar-se para longe de Artem, quase caiu. Seus braços também

não respondiam apropriadamente, movendo-se rápido demais e em direções que não queria.

Loki sentiu ao longe algo se aproximando, uma pequena faísca ou estrela esverdeada que pulsava em um ritmo próprio. Era como quando sentia a presença dos monstros em sua cidade natal, mas dessa vez o pulsar era suave e amigável, não aquele movimento errático e perturbador.

Logo ouviu o chiado de abertura de uma das portas e viu o japonês responsável pelos animais e pelas plantas da nave, que lhe lançava um olhar preocupado.

— Você brilha tão bonito... — Loki disse sorrindo antes de desmaiar.

## Parte 5



elena caminhava para a sala do comitê ao lado de Oliver. Ela não acreditava que eles tinham conseguido manter todos tão calmos. Ela não acreditava que tinha sido ela a anunciar que a crise tinha sido resolvida, que a tripulação tinha conseguido colocar a nave em funcionamento de novo.

— Eu ainda não acredito que estamos vivos.

Ela se sobressaltou ao ouvir o australiano ecoar seus pensamentos em voz alta.

— Para ser sincera, eu também não. A todo momento, enquanto falávamos com os colonos, eu só conseguia pensar que iríamos todos morrer ali. Por um momento, me arrependi amargamente de... – não, ela não podia contar a verdade para ele; ou podia? Não, não podia. Apressadamente, inventou algo para cobrir o silêncio. – Me arrependi amargamente de ter vindo nesta viagem.

— Foi bom que você veio. Você fez bem lá atrás, você foi honesta. Duvido que outra pessoa em seu lugar teria se aberto tanto.

Helena sorriu. Bem, já que o tema do momento era se abrir...

— Posso te contar algo? Um segredo?

— Claro.

— Eu realmente fui responsável pelo recrutamento de alguém para a nave.

— Um namorado?

— Bem, sim. Mas não o meu. Você me acusou de ter trazido Loki para a nave. Na verdade, é mais como se eu tivesse vindo para cá por causa dile. Mas eu não conseguia aceitar a ideia de ver Loki e Juliano, seu namorado, se separarem. Eles percorreram um caminho tão tortuoso até conseguirem entender o que sentiam e aceitar os pormenores de uma relação emocional e física... e daí ile foi convocade.

Ela parou por um momento, tentando organizar seus pensamentos.

— Minha primeira reação foi um grande desespero egoísta. Eu não me sinto segura longe de Loki desde que ile salvou minha vida pela primeira vez. E depois da décima vez, então, nem se fala. Eu vi como ile estava empolgade de deixar a Terra para trás e também aceitei rapidamente a convocação. O problema é que logo que fiz meu teste de aptidão, me toquei do que isso significaria para Juliano. Ele também tinha perdido tudo, assim como nós. Ele também tinha salvado minha vida

mais de uma vez. E ele também era importante para a felicidade de Loki, tanto quanto eu. Ou mais, sei lá.

Oliver parecia ouvir tudo sem julgamentos. Era muito bom poder falar com alguém sobre isso, sem dúvida, mas Helena temia ter falado demais. Lançando um olhar de soslaio para o capitão, ela tentava decifrar sua reação. Por fim, com uma risada desconfortável, ela decidiu perguntar mais diretamente:

— Você acha que agi errado?

Ele lhe devolveu um sorriso tímido.

— Eu acho que Loki e Juliano têm sorte de te ter como amiga.

Helena respirou aliviada. Havia um nó em sua garganta e ela não sabia se queria chorar de alívio ou de medo.

Eles chegaram à sala de reuniões e ela decidiu engolir o choro com um pouco de água do copo que já estava posicionado em frente ao seu assento. Loki não estava em lugar nenhum. Será que ele estava bem?

Quando todos já tinham se sentado, Oliver iniciou a reunião com as formalidades de sempre. Logo depois, pediu que Helena relatasse a situação com os colonos. Ela não podia estar mais feliz de poder dizer que estava tudo sob controle, que nenhum

representante dos colonos havia demonstrado descontentamento com a forma como as coisas foram resolvidas. Todos pareciam ansiosos para voltar às suas comunidades e relatar que tudo ficaria bem. Makoto Shimizu, o oficial de biomas, também falou sobre os sistemas de reciclagem de água e ar da nave – por sorte, nada tinha sido danificado. Tudo parecia estar seguindo bem até demais.

Foi então que o capitão chamou Safiya para explicar a falha nos sistemas da nave.

— Não posso dizer que não foi algo inesperado.

Praticamente todos ao redor da mesa reagiram com algum nível de espanto, exceto Helena, Oliver e Artem.

Safiya respirou fundo.

— Desculpem. Eu vou precisar começar do começo se for para explicar tudo direito. Imagino que vocês saibam que fui uma das engenheiras responsáveis pelo projeto das naves *Egeu*. Em teoria, todas são iguais. O mesmo projeto executado da mesma forma. No entanto, originalmente, tinham sido planejadas apenas oito naves. Quando já estávamos em um estágio mais avançado do processo de construção, recebemos instruções para iniciar a construção de uma nona nave. Segundo o relatório que recebemos, a NASA havia

descoberto um novo planeta capaz de sustentar vida humana e, portanto, os responsáveis pela operação decidiram que seria melhor colonizá-lo também. Quanto mais planetas, maior a chance de sobrevivência da humanidade.

Suas mãos brincavam distraidamente com o copo à sua frente.

— No entanto, tínhamos um problema. Precisávamos de mais matéria prima para a construção da nave. Eu enviei relatório atrás de relatório para meus superiores informando-os que não tínhamos os materiais necessários para um novo motor de salto. Jamais recebi uma resposta. Como éramos uma equipe relativamente grande, a construção da *Egeu Nove* ficou sob a supervisão de um de meus colegas; a minha função era supervisionar todo o projeto. Inconformada com a falta de respostas, decidi chamar esse meu colega para uma conversa amigável depois do trabalho. Fomos a um bar, bebemos, conversamos. Finalmente, consegui tirar dele a verdade: a *Egeu Nove* não estava sendo construída porque nossos superiores queriam colonizar esse novo planeta, mas sim porque o ritmo de crescimento das áreas inabitáveis da Terra era muito maior do que o esperado.

Oliver abriu a boca para falar algo, mas Safiya ergueu a mão, pedindo paciência.

— Eles não me respondiam porque não se importavam com o estado da nave. A única preocupação deles é que ela durasse tempo suficiente para sair de nosso sistema solar, para sair da visão do povo. A partir desse ponto, eu passei a acompanhar muito mais de perto sua construção e fiz o que pude para que toda a matéria prima fosse aproveitada da melhor maneira possível. Na melhor das hipóteses, ficaríamos presos no espaço, sem esperanças de atingirmos um planeta habitável em nossa geração.

— Mas por que gastar tanto dinheiro só para nos mandar para a morte?! – Oliver estourou.

Helena decidiu responder, mesmo sabendo que era uma pergunta retórica:

— Porque a opinião pública acharia que a ONU estava fazendo o máximo que podia para nos ajudar e isso angariaria sua boa vontade. Ficaria mais fácil para as Nações Unidas assumirem o controle dos países que sobreviveram aos Cataclismas.

— Exatamente – concordou Safiya. – Tudo o que eles queriam era diminuir a densidade populacional causada pela falta de espaço habitável e, para isso,

precisavam tirar um grande número de pessoas da Terra. E aqui estamos.

— Ainda estamos todos vivos e a nave está seguindo seu trajeto novamente. O que mudou?

— Bem, eu decidi investigar nosso sistema de comunicação com a Terra. Achei que, para se comunicar a tamanha distância, com certeza ele consumiria muita energia e podia diminuir a vida útil de nosso gerador. Mas então eu descobri que o sistema funcionava com uma fonte de energia própria e, depois de algum tempo estudando seu funcionamento, descobri que ele podia ser energizado. E então eu comecei a olhar para os relatos dos sobreviventes por pessoas que tivessem... dons especiais.

O silêncio tomou conta da sala e todos esperavam que Safiya continuasse. Helena finalmente entendera por que Loki tinha sido recrutado para a *Egeu Nove*; ela só percebeu que estava segurando a respiração quando a engenheira voltou a falar.

— Depois dos... acontecimentos a nível mundial, algumas pessoas começaram a desenvolver habilidades que antes pertenciam apenas à ficção científica. Eu descobri, acidentalmente, que o... cristal que nosso sistema de comunicação usa para gerar sua energia e

para a transmissão de dados por canais quânticos pode ser energizado por pessoas com essas habilidades. E eu encontrei alguém que, segundo os relatos que vi, parecia ter um dom muito forte. Eu acreditava que podia encontrar uma forma de substituir nosso gerador de fusão por essa fonte de energia limpa. Foi uma aposta arriscada, mas era a única forma que eu via de garantir a sobrevivência de todos na nave. Eu manipulei as listas e troquei o nome do engenheiro responsável pelo meu. Estando aqui, eu conseguiria colocar esse plano em ação.

Helena não sabia exatamente o que pensar. Safiyya podia ter exposto a operação, ter forçado a ONU a abrir mão da *Egeu Nove*. Mas talvez isso levasse à descrença nas demais *Egeu* também e, no final das contas, ela também não tinha outra solução para o problema da superpopulação. Isso se não abafassem o caso e enviassem todos para a morte de qualquer jeito. Mas não era isso que mais ocupava sua mente no momento.

— E onde está essa pessoa agora?

Ela tinha certeza de que Safiyya falava de Loki e se sentia ainda mais desesperada. Se Safiyya tivesse machucado ile...

Todos se voltaram para ela. Safiya parecia prestes a responder, mas Artem tomou a frente.

— Com sua licença, Safiya, acho que posso dar informações mais atualizadas. Essa pessoa está na enfermaria, com sinais claros de exaustão, mas acredito que vá ficar bem se descansar o suficiente. Se precisar fazer algo assim de novo, terá de ser em pequenas doses, para evitar complicações.

— Na verdade, estamos trabalhando na adaptação total do maquinário, mas acredito que só serão necessárias pequenas contribuições diárias para manter nossos sistemas em completo funcionamento.

— Então não temos com o que nos preocupar. Com a licença do comitê, eu preciso voltar para meus pacientes.

Todos começaram a se levantar e a declarar o que precisavam fazer agora que a crise tinha sido contornada. Helena não fazia a menor ideia do que ela deveria fazer – ou mesmo do que ela queria fazer. Artem aproximou-se dela e disse com delicadeza, seus olhos de um azul profundo prendendo-se aos dela:

— Fique tranquila. Eu mandarei uma mensagem para você assim que ile acordar.

E, com isso, tudo voltava ao normal. Bom, pelo menos ao que poderia ser chamado de normal dentro

de uma espaçonave gigantesca que tinha acabado de sobreviver a um caso de extrema sabotagem.

Loki abriu os olhos lentamente. Tudo era tão branco que ile se perguntou se estava no céu. E então, lembrando-se de sua situação atual, disse para si mesmo: *Óbvio que estou. Estamos navegando pelas estrelas. Dã, Loki.*

Demorou mais alguns segundos para que sua memória resgatasse os últimos eventos: a pedra mágica que tornava tudo mais bonito, o rapaz que brilhava verde... e finalmente ile entendeu por que se sentia tão cansado. Sua memória voltou mais alguns minutos e Juliano veio à sua mente.

Sua tentativa de pular da cama foi impedida por um braço forte. Loki acompanhou-o até um pescoço pálido e o pescoço até uma sombra de barba por fazer. Espremendo os olhos, ile finalmente reconheceu o dono daquele belo rosto.

— Doutor Kuznetsov!

— Me chame de Artem, Loki. Bom te ver acordado. Não precisa se preocupar, seu amigo já está de pé há

algumas horas. Ele logo estará de volta. Vou avisar Helena também.

Com essas preocupações fora do caminho, Loki pela primeira vez percebeu que vestia nada mais do que um avental e que aquelas mãos de dedos longos e fortes tocavam seu ombro nu do lado que o tecido escorregara. Ile empurrou Artem para longe, puxando o lençol até o pescoço.

— Eu não sei o que você viu ou deixou de ver, mas isso não quer dizer nada, estamos entendidos?

— Não se preocupe, eu sei. Eu te coloquei nesse quarto particular por causa disso mesmo. Eu não queria nenhum curioso invadindo sua privacidade.

Loki tentava ameaçar o médico com seus olhos espremidos.

— É bom mesmo.

— Você não parece convencido.

Loki só forçou mais seu olhar ameaçador. Por algum motivo, não parecia estar fazendo efeito.

O médico suspirou, apoiando a prancheta que segurava em uma mesinha do lado de sua cama. Ele tirou o jaleco e puxou a camisa para fora da calça.

— Doutor, o que diabos...?

Artem seguia desabotoando sua camisa de baixo para cima.

— Eu quero que você saiba que eu te entendo, Loki.

Olhando para as cicatrizes da mastectomia, não era difícil acreditar nisso. Artem era um homem trans. Apesar de serem diferentes, o médico tinha passado por poucas e boas, assim como ile, e sabia o que era ter sua identidade questionada a todo momento.

Sentindo-se mais seguro, com o coração mais leve, Loki sorriu.

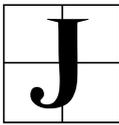
— Melhor você se vestir. Se alguém entrar agora, vai ser difícil convencê-los de que não estávamos... você sabe.

A risada de Artem era tão bonita quanto seu corpo. Loki esperava que ele encontrasse alguém que soubesse apreciar isso. O médico se despediu e disse que Loki podia se trocar, se quisesse. Ele ia ficar na porta para garantir que ninguém entrasse.

Em poucos minutos, Helena e Juliano estavam lá e os três se abraçaram.

Como era boa essa sensação de estarem finalmente juntos de novo.

## Parte 6



á era o final da viagem de Oliver Jackson como capitão da *Egeu Nove*. Todos da tripulação estavam ansiosos para sair daquela bolha artificial, mas ele se perguntava se uma bolha natural era tão diferente assim.

Enquanto bebericava seu café, ele olhava para o mar de estrelas à sua frente. Seu assistente também encarava o vazio imenso pela tela e alguns técnicos de navegação trabalhavam silenciosamente em seus terminais ao redor da sala.

Logo eles deveriam avistar o planeta que seria seu novo lar. Eles tinham perdido contato com a Terra e as demais *Egeu* para garantir sua sobrevivência, mas isso não parecia algo ruim. Para ser sincero, ele estava cansado da ONU, dos militares e de tudo mais.

Émile DeRosiers entrou na ponte de comando e encarou Oliver em sua cadeira de comando.

— Oh. Capitão. Eu não esperava vê-lo por aqui a essa hora. Vim pedir um relatório para o pessoal da navegação.

— Eu não conseguia dormir. Estou ansioso demais. Sabe, nosso novo lar está logo depois daquele gigante

gasoso ali – e apontou para um objeto que estava mais ou menos no meio do grande painel de vidro reforçado.

Heike Stauss falou pela primeira vez nas últimas duas horas.

— Na verdade...

— O que foi, senhor Stauss?

Ambos se viraram para encarar o homem em pé no meio da ponte de comando. Apoiando os cotovelos nos braços de sua cadeira, Oliver esperou que o rapaz desviasse o olhar de seu tablet e dissesse algo.

— Um momento, eu preciso verificar algo. Kazinsky, por favor, me empreste seu console.

Depois de digitar alguns comandos e resmungar mais um pouco, ele se virou para os dois.

— Eu tenho más notícias.

— Não.

— Capitão?

— Chega de más notícias. Essa viagem foi uma compilação de más notícias. Só me dê alguma notícia boa.

— Ok. Nós encontramos o planeta que nos foi designado.

— Ótimo.

Um silêncio desconfortável tomou o cômodo. Oliver suspirou.

— Está bem, está bem. Quais são as más notícias?

— Esse gigante gasoso em nossa trajetória é o planeta que nos foi designado.

Oliver tomou mais um gole de seu café. Ele olhou para o planeta. Ele olhou para a tripulação que se encontrava na ponte. Ele olhou para o relógio-calendário que piscava em um canto de seu console. Dia sete do nono mês da viagem da *Egeu Nove*.

— Eu sabia. Tinha que ser uma segunda-feira.



## Sobre Claus Corbett



Grande fã da cultura geek, viciado em livros, games, séries, filmes, jogador de RPG e apaixonado pela escrita, desde pequeno Claus Augustus Corbett compartilha histórias com família, amigos e colegas. Por esse motivo, decidiu unir o útil ao agradável: começou a registrar e publicar suas criações. Nelas, procura explorar a representatividade, na tentativa de dar voz a pessoas que raramente tem, como o faz no conto *Protocolo Egeu*. Além de cenários pós-apocalípticos, possui grande interesse por fantasia em geral. Atualmente, dedica-se a desenvolver uma coletânea de livros em um mundo que originalmente idealizou para campanhas de RPG: Yagath. Até o momento possui duas histórias curtas da série Contos de Yagath publicadas pela Amazon, chamadas “Khalarea, o Caído” e “O Manto Escarlate”.